

O INQUIETANTE NAS ARTES

Anna Carolina Coelho Cosentino¹, José Carlos Paiva²

RESUMO

No presente resumo expandido apresento minha pesquisa de doutorado intitulada **O NÃO DITO. Imaginário e afetos políticos na produção artística das mulheres brasileiras**, a qual insere-se no campo da arte/educação e tem por objetivo investigar a partir das atuais epistemologias feministas pós-modernas, os processos excludentes e de silenciamento das artistas brasileiras que trabalham com erotismo e sexualidade.

Palavras chave: Erotismo. Mulheres artistas. Resistência.

THE UNSETTLING IN THE ARTS

ABSTRACT

In this expanded abstract I present my doctoral research entitled **THE UNTOLD. Imaginary and political affections in the artistic production of brazilian women**, which takes place in the field of art/education and aims to investigate from the current postmodern feminist epistemologies, the exclusion and silencing processes of brazilian artists who work with eroticism and sexuality.

Keywords: Eroticism. Women artists. Resistance.

¹ Anna Carolina Coelho Cosentino, arteterapeuta, doutoranda em educação artística pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, segundo semestre. carolicosentino@gmail.com, Recife, PE, Brasil.

² José Carlos Paiva, professor auxiliar e diretor da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto/ Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade (I2ADS). Av. Rodrigues de Freitas, 265, 4049-021 Porto, Portugal. mail@jcpaiva.pt.

INTRODUÇÃO

No presente resumo expandido apresento minha pesquisa de doutorado em educação artística³, cujo objeto central são as artistas brasileiras que tratam dos temas erotismo e sexualidade⁴ por meio das suas obras. Parto do entendimento de que na cultura ocidentalizada, as mulheres⁵ como um todo foram excluídas do direito ao voto e de outros direitos civis – como também do direito ao seu corpo, voz e expressão criativa. Apesar de muitos avanços com vistas a uma modificação nesse imaginário social, a posição das mesmas permanece demarcada por excludentes redes discursivas presentes em: “discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas” (FOUCAULT, 1995, p. 244), etc. Culturalmente ao tecermos uma trama discursiva, fazemos emergir regimes, práticas, condutas e diferentes efeitos de verdade, que muitas vezes precisam ser questionados porque perdem sentido no decorrer do tempo ou porque são opressores desde a sua construção (Foucault, 2007; 1995). Transpondo estas noções para o campo geral da arte, observamos que mesmo com a aparente pretensão de totalidade e hegemonia, sua história oficial (da arte) deixa sempre o rastro de uma sombra, que “retrata o que de mais inquietante e de enigmático lhe pertence”, sendo nisso que deve incidir o estudo da arte contemporânea (PERNIOLA, 2006, p. 08). A meu ver, nesta sombra estão as mulheres e na sua parte mais remota, a expressão erótica e sexual das mesmas. Meu objetivo está em fazer ver parte desta sombra, que atravessa aspectos afetivos, de corpo e reconhecimento. É necessário frisar que “A emoção não pode ser reduzida à esfera do privado, mas é cada vez mais vivenciada coletivamente” (MAFFESOLI, 1995, p. 76). Por isso é importante termos em mente que fomos educados/educadas para ver e viver estas imagens de exclusão e silenciamento das mulheres. É nesse sentido que busco identificar as artistas brasileiras que discutam os referidos temas por meio das suas obras, descobrir o que provocou seu interesse na problematização de gênero. Após este mergulho, a intenção é produzir 05 performances como forma de ampliação do conhecimento sobre os modos culturais contemporâneos diante dos temas pesquisados; identificar e elaborar os conceitos-chave que relacionam arte/educação, imaginário, feminismos e performance.

METODOLOGIA

Como método de pesquisa, pretendo um abraço da performance com a Fenomenologia da imaginação (Bachelard, 2008), com a Pedagogia do imaginário (Durand, 2012) e com as Pedagogias Feministas (Butler, 2004; Rago, 1998; Louro, 2004). A pertinência de cada uma destas aproximações para o problema da tese está sobretudo no aporte de aspectos como subjetividade, afeto e imagem como formas de produção de conhecimento tão válidas quanto o pensamento racional e teórico. Esclareço que a noção de imaginário que interessa não é aquela consagrada pelo senso comum como algo que é oposto ao real; mas a que considera a capacidade imaginativa humana como parte fundamental da sua ontologia. A Pedagogia do imaginário sugere um processo de humanização por meio da função imaginante, principalmente alcançada através da prática artística.

³ Educação artística é o termo português (Portugal) equivalente ao termo brasileiro arte/educação.

⁴ Na concepção das epistemologias feministas pós-modernas, erotismo e sexualidade correspondem a representações culturais e históricas específicas, não são, em si, ‘essências’.

⁵ Não abraço a perspectiva de um sujeito único “mulher”, por isso refiro-me sempre às mulheres (no plural), quando não estiver falando das mulheres observadas na pesquisa.

Para Durand (2011; 2012), é a arte (poesia, música, literatura, performance, etc.) que pode equilibrar a função da imaginação se ela estiver defasada individual ou socialmente, conforme constata em nossa sociedade excessivamente racionalista e como observo analogamente no imaginário ocidentalizado sobre as mulheres (no qual estou incluída).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

No Brasil, os estudos e aplicações da arte/educação enfrentam uma luta para que sua participação não seja reduzida na composição do currículo escolar. Na cultura brasileira, tanto a arte/educação como o tema da sexualidade humana (e mais ainda das mulheres), encontram-se em posição de desprestígio na hierarquia dos saberes. De acordo com Margareth Rago (2001), professora do departamento de história da UNICAMP, nem o feminismo conseguiu até o presente momento, discutir questões relacionadas à sexualidade das mulheres. Culturalmente, a ausência de estudos que abarquem estes assuntos é tão marcante, que parece haver a necessidade agora, de erotizarmos até o movimento feminista, que também os desconsiderou no decorrer da sua trajetória. No entanto, trazer este debate para as artes visuais requer uma mirada mais ampla. Em termos de políticas educativas, no Brasil, muito antes da defasagem na discussão sobre temas como leitura de imagem, sexualidade e erotismo, precisamos defender a manutenção da arte na educação dos nossos jovens. O componente arte vem perdendo prestígio na grade curricular brasileira, sendo tratado genericamente como “linguagens artísticas”. “As especificidades das artes visuais como dança, música e teatro praticamente desapareceram inteiramente do mencionado documento, ainda que tenha sido investido muito tempo na criação de licenciaturas para formação de docentes, em todas essas áreas, nos últimos anos” (LOPONTE; COUTINHO, 2018). Não somente no campo da arte/educação, um crescente sentimento de extrema direita vem tomando espaço em diversos setores culturais, com prejuízo para as artes visuais como um todo, conforme explicam as referidas autoras:

Somando-se aos ataques no campo curricular, as artes em geral têm sido ameaçadas de várias formas no país, tanto em relação aos cortes orçamentários e a diminuição dos incentivos financeiros para a produção artística, como em relação ao teor dessas produções, como foi o caso dos ataques por grupos moralistas e neoconservadores à exposição *Queermuseu*, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, provocando o seu fechamento em setembro de 2017, assim como a outras performances e peças teatrais que tratavam de alguma forma de temas relativos a corpo, gênero e sexualidade (CYPRIANO, 2018; CULT, 2017). Em comum, muitas das investidas contrárias e violentas a essas manifestações utilizavam o argumento de ‘proteção às nossas crianças’, o que, novamente, prejudica o acesso de crianças e jovens a arte através da educação e o trabalho que muitos docentes de arte e instituições culturais têm realizado no país (LOPONTE, COUTINHO, 2018, p. 111).

Para Loponte e Coutinho (2018) estamos em perigo, talvez mais do que nunca. Como ato de resistência, ambas sugerem a proliferação de docentes híbridos, docentes que incorporem a prática artística e que assumam o desafio de repensar as relações entre arte e educação conforme foram organizadas até o presente momento. Outrossim, o avanço do sentimento de extrema direita no Brasil fala de um movimento contrário à “estética feminista da existência”, que preconiza uma tendência emancipadora e libertária dos sujeitos. Enfatizo que a estética é uma formação afetiva e que os afetos são mobilizados politicamente para fins determinados, como por exemplo o que foi vivido no Chile, em maio de 2018: estudantes secundaristas e de mais de 15 universidades ocuparam as ruas de Santiago em defesa de uma educação não sexista. Nas palavras da jornalista do

site Portal Vermelho, Mariana Serafini: “Mais de cem mil pessoas saíram às ruas de Santiago com cartazes que repudiam o abuso sexual dentro das universidades chilenas e uma linha de educação considerada sexista pelos estudantes. ‘Aqui se formam violadores’, ‘A educação será feminista, ou não será’, ‘Nos querem como musas, nos temem como artistas’, diziam algumas das palavras de ordem” (SERAFINI, 2018, p. 01). A prática artística e sua educação são formas de resistência contra o avanço do conservadorismo que faz perdurar esse tipo de desigualdade e violência, culturalmente instituídas. É nesse sentido também que procuro alargar o espaço de discussão sobre erotismo, sexualidade e controle versus liberdade na produção artística das mulheres, por meio da pesquisa acadêmica. Sigo sobretudo uma linha afirmativa sobre a necessidade de reconhecimento e legitimação da esfera afetiva em jogo na formação das identidades coletivas. Elejo a bandeira dos feminismos como um princípio norteador, com a busca da liberdade não apenas para as mulheres, mas para toda a sociedade brasileira. De acordo com Mouffe, “é possível pensar que o feminismo será o símbolo de todas as lutas pela radicalização da democracia” (MOUFFE, 2018, n.p.). Segundo a autora, o feminismo se afirma enquanto movimento político quando reconhece que a luta das mulheres se assemelha a outras lutas de outros movimentos. Melhor, quando articula estes movimentos, que batalham por um significado particular de liberdade e/ou igualdade. A emoção suscitada pelos feminismos, que buscam um mundo mais libertário para os sujeitos, se aproxima do confronto do povo indígena brasileiro - reais donos da nação, porém sem voz social e política; e também da aflição dos povos refugiados e de tantos outros, excluídos e silenciados na nossa história. No fundo, todas elas são uma mesma luta, pela recuperação das relações humanas, por um reaprender a conviver.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta do doutoramento na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto é que possamos dedicar o primeiro ano de formação ao projeto de pesquisa, para sua revisão e reformulação. No estudo que realizei até o presente momento, ficou ressaltado o potencial do aporte feminista para uma aproximação política e cultural da democracia; assim como a noção de que afirmar a multiplicidade existencial ou suas diferenças nas infinitas alteridades, faz parte do projeto político e estético feminista/democrático pelo qual me interesso e que certamente guiará minha pesquisa. Nas artes visuais e no campo da arte/educação, esta tendência está marcada pelo elo indissociável entre arte/vida, entre arte/experiência, arte/produção de subjetividades. Inserida no contexto dessa luta, percebo que meus pares são as mulheres. Junto-me todas elas, artistas, docentes ou não, mas principalmente àquelas que se identificam como feministas e que têm criado novos padrões para o que pode ser chamado de “estética feminista da existência”. No Brasil, as adversidades são estruturais, temos muito chão pela frente ainda, mas não vamos desistir!

REFERÊNCIAS:

BACHELARD, Gaston. A poética do espaço, 2. Ed., São Paulo: Martins Fontes, Selo Martins, 2008.

BUTLER, Judith. Undoing gender. New York and London: Routledge, 2004. Disponível em: https://selforganizedseminar.files.wordpress.com/2011/07/butler-undoing_gender.pdf. Acesso em 25/02/2019.

DURAND, Gilbert. O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. Tradução Renné Eve Levié. 5a ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2011.

_____. As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral. Tradução Hélder Godinho. 4 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

FOUCAULT, Michel. A arqueologia do saber; trad. NEVES, L. – 7ª ed. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

_____. Microfísica do poder. Organização e tradução de Roberto Machado. 11a reimpressão. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1995.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. COUTINHO, Andréa Senra. Estamos em perigo? Arte, Educação e Resistências no Brasil. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018, p. 108-117. Disponível em: http://congressomateria.fba.ul.pt/rede/2018_rede_01_08_Loponte.pdf. Acesso em: 23/11/2018.

LOURO, Guacira Lopes. Um corpo estranho - ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Guacira Lopes Louro. - Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MAFFESOLI, Michel. Contemplação do mundo. Tradução de Francisco Franke Settineri. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

MOUFFE, Chantal. Entrevista ao Instituto Humanitas Unisinos, 26/11/2018. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/584930-diante-do-avanco-do-populismo-de-direita-o-unico-caminho-e-desenvolver-um-populismo-de-esquerda-entrevista-com-chantal-mouffe>. Acesso em: 20/01/2019.

PERNIOLA, Mário, A arte e a sua sombra (2005), Lisboa, Assírio Alvim, 2006.

RAGO, Margareth. Epistemologia feminista, gênero e história. In: Pedro, Joana; Grossi, Miriam (orgs.) - MASCULINO, FEMININO, PLURAL. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998. Disponível em: http://projcnpq.mpbnet.com.br/textos/epistemologia_feminista.pdf. Acesso em 20/01/2019.

_____. Feminizar é preciso. Por uma cultura filógina. São Paulo em Perspectiva. *Print version* ISSN 0102-8839 *On-line version* ISSN 1806-9452 São Paulo Perspec. vol.15 no.3 São Paulo July/Sept. 2001. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-88392001000300009>. Acesso em 03/01/2019.

SERAFINI, Mariana. “Florescendo” – mulheres marcham no Chile contra educação sexista. Matéria para o site Portal Vermelho, 17/05/2018. Disponível em: <http://www.vermelho.org.br/noticia/311136-1>. Acesso em: 19/02/2019.